CAP
AGRICULTORES DE PORTUGAL

# NEWSLETTER AZEITE

INFORMAÇÃO MARÇO | 2020

Cofinanciado por:

PO ISE
PROGRAMA OPERACIONAL INCLUSÃO SOCIAL E EMPREGO

PORTUGAL 2020

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu

# Análise SWOT da CAP para o sector do azeite

No final do passado mês de Janeiro, após a realização de uma reunião da Comissão Consultiva Sectorial do azeite e azeitona de mesa, foi solicitado aos respectivos membros que, tendo por base uma primeira abordagem efectuada pelos serviços técnicos do GPP, fosse elaborada uma análise SWOT que reflectisse a perspectiva e sensibilidade de cada uma das organizações face ao sector. Neste âmbito, a CAP, após auscultar as suas associadas para o sector, elaborou o seguinte documento que, posteriormente, foi enviado para o GPP.

Evidentemente que, neste momento, com a situação que estamos a viver derivada da pandemia COVID 19, muitas das premissas apontadas terão de ser repensadas face à conjuntura económica que, inevitavelmente, se irá fazer sentir a nível mundial. No entanto, pensamos que, num período temporal mais ou menos alargado, esta análise constitui um contributo válido para perspectivar o futuro do sector em Portugal.

## Ponto fortes:

- Portugal é o 7º produtor mundial e 4º da UE
- Produção de azeite de qualidade reconhecida pelos inúmeros prémios obtidos pelos azeite nacionais nos diversos concursos nacionais e internacionais mais relevantes.
- Cultura com um património genético autóctone adaptado a condições extremas, que é conduzido maioritariamente em regime extensivo de sequeiro, contribuindo assim para a conservação do mosaico agrícola na paisagem portuguesa, para a conservação dos recursos (incluindo os genéticos), para a existência e manutenção de azeites DOP, na fixação de pessoas nos territórios rurais e, consequentemente, na promoção de actividade económica nessas regiões.
- Novos olivais intensivos e em sebe, maioritariamente em PRODI, na sua quase totalidade de regadio.
- Existência de uma associação interprofissional do sector – AIFO.
- Cultura com um enorme contributo para o ambiente e sustentabilidade do meio envolvente, nomeadamente:

  - Pelo grande vigor vegetativo que apresenta, importante na fixação / sequestro de carbono da atmosfera e, portanto, na sua contribuição para a neutralidade carbónica.
  - Pela biodiversidade que gera nos seus diferentes modos de exploração.
  - Pela conservação do solo, através da utilização de práticas culturais adequadas, como por exemplo o enrelvamento da entrelinha com revestimento multifloral, que permite a sustentabilidade de uma enorme população de diferentes tipos de insectos.
  - Cultura muito adaptada a situações de rega deficitária, permitindo baixos consumos de água.

- Dinâmicas empresariais cada vez mais orientadas para o mercado e, sobretudo, para a exportação.
- Elevado nível tecnológico dos lagares em laboração.
- Grande aumento do investimento privado no sector na última década.

**Pontos fracos:**

- Elevados custos de produção do olival tradicional.
- Grande parte do olival nacional, quer intensivo, quer tradicional, é conduzido em regime de sequeiro.
- Nível de mecanização relativamente baixo nos olivais tradicionais, aliado a problemas de baixas produtividades.
- Problemas gravíssimos de falta de mão-de-obra disponível.
- Mercado externo muito dependente de dois destinos – em 2018: Brasil 27% (embalado) e Espanha 44% (maioritariamente a granel)
- Cultivares autóctones não adaptadas a novos modos de exploração, sobretudo no que se refere a olivais em sebe.
- Preços ao produtor com forte dependência do mercado espanhol.
- Dificuldade de estruturação do sector em organizações de produtores.
- Baixo grau de promoção genérica e de informação ao consumidor, seja no que se refere às várias categorias comerciais de azeite, seja em relação aos diferentes modos de exploração / condução do olival.
- Grande desconhecimento por parte de muitos operadores sobre os procedimentos a ter para a comercialização do azeite (rotulagem, criação de marcas, etc).
- Má imagem, junto da opinião pública, do modo de exploração do olival em sebe, juntamente com a falta de estudos credíveis que fundamentem algumas decisões com impacto relevante neste tipo de condução, como sejam a colheita nocturna e a eventual redução de biodiversidade pelas práticas culturais utilizadas.
- Carência de meios de luta para o combate a pragas e doenças da oliveira.
- Reduzido trabalho de selecção das variedades autóctones e quase inexistência de produção de plantas certificadas.

**Oportunidades:**

- Reconhecimento das vantagens nutricionais do consumo de azeite como gordura saudável, integrado na promoção da dieta mediterrânea.
- Valorização de todos os produtos da cadeia de valor, incluindo os subprodutos.

- Diferenciação das várias categorias comerciais de azeite em função da sua utilização (culinária x consumo em cru).
- Agricultura de precisão, como resposta à utilização sustentável e eficiente de recursos, incluindo a água, num contexto de alterações climáticas
- Contributo para a melhoria da biodiversidade e da sustentabilidade ambiental – promoção do conceito de intensificação sustentável.
- Potencial de aumento do consumo mundial, como alimento de qualidade e valor acrescentado
- Embora maioritariamente a granel, aumento relativo, nos últimos anos, do destino «Itália» nas exportações portuguesas de azeite.
- Algum potencial das variedades tradicionais plantadas em sebe em regime de sequeiro.
- Valorização do património genético autóctone como fonte potencial para o melhoramento vegetal e para a produção de plantas certificadas.
- Valorização dos azeites diferenciados provenientes das DOP nacionais.

**Ameaças:**

- Elevados custos associados à entrada/comercialização do azeite nacional em alguns mercados externos devido a lógicas puramente proteccionistas.
- Falta de reconhecimento de azeite português em alguns mercados.
- Diminuto peso dos azeites DOP no total da produção nacional e seu previsível desaparecimento a médio-prazo, devido à inexistência de apoios públicos em função dos serviços ambientais prestados pelos olivais tradicionais onde estes azeites são produzidos.
- Aumento da produção nos países da bacia do Mediterrâneo e em outras áreas com condições edafo-climáticas favoráveis (América do Sul, Austrália, etc.) com custos de produção mais baixos.
- Preocupações da sociedade em geral, muitas vezes por ignorância, com a dicotomia ambiente e clima *versus* intensificação da produção e actividades a jusante, como seja a extracção do óleo de bagaço de azeitona.
- Ausência de aumento da capacidade instalada para a secagem e valorização dos bagaços de azeitona, que acompanhe o crescente incremento de produção que se tem vindo a verificar nos últimos anos.
- Falta de soluções economicamente viáveis para a valorização dos sub-produtos da fileira.
- Elevado risco de abandono dos olivais tradicionais por parte de muitos olivicultores.

- Problemas fitossanitários crescentes associados ao aparecimento de novas pragas e doenças e reemergência de outras, aliados à perda de meios de luta disponíveis que possam ser utilizados
- Postura genericamente hostil por parte de grupos ambientalistas e das autoridades nacionais ligadas ao ambiente em relação ao sector, nomeadamente no que concerne aos olivais em sebe e aos sub-produtos resultantes da extracção do azeite.